

ARTIGO

**BONFIM (BR) E LETHEM (GY): ECONOMIA E TROCAS
SIMBÓLICAS DE ESPACIALIDADES MARCADAS
PELA DIVERSIDADE**

Resumo

Este artigo revisita os dados da pesquisa etnográfica realizada entre períodos dos anos de 2003 e 2004 e, atualizados por observação de campo em viagens subsequentes em 2009; 2011; 2014. Os desenhos espaciais das cidades fronteiriças de Bonfim e Lethem me chamaram a atenção quando ali estive e sobre este aspecto construí a hipótese de que a espacialidade reflete como operam a economia e as trocas simbólicas daquela fronteira. A economia no sentido das relações comerciais, mas, também a economia política que denuncia as relações identitárias e de poder entre os moradores das duas cidades. E as trocas simbólicas aqui entendidas como saberes e valores que circulam entre eles. A discussão das espacialidades requisita o conceito de espaço, realizando assim um diálogo com a geografia. Por fim, o artigo reflete, também, as narrativas e documentações fotográficas sobre as duas cidades e seus moradores.

Palavras-chave:

Bonfim; Lethem; espacialidades; trocas simbólicas; diversidade.

Abstract

This article revisits data from ethnographic research conducted between the periods of the years 2003 and 2004, and updated by field observation in subsequent trips in 2009; 2011; 2014. Spatial drawings of the border towns of Bonfim and Lethem caught my attention when I was there and about this aspect I built the hypothesis that the spatiality reflects how operate the economy and the symbolic trades of that border. The economy towards trade relations, but also the political economy denouncing the identity and power relations among the residents of the two cities. And the symbolic exchanges here understood as knowledges and values that circulate among them. The discussion of spatiality requests the concept of space, thus realizing a dialogue with geography. Finally, the article also reflects the narrative(s) and photographic documentation about the two cities and their residents.

Keywords:

Bonfim; Lethem; spatialities; symbolic exchanges; diversity

Introdução

O desenho espacial das cidades de fronteira Bonfim e Lethem me chamou atenção pela diferença com que se apresentam aos nossos olhos suas ruas, a disposição de suas casas, o modelo arquitetônico das casas, as informações do trânsito nas placas ou a ausência delas, as informações sobre os pontos comerciais, também, em placas e cartazes, o modelo dos prédios públicos e por fim os espaços de entretenimento. A partir daí constitui uma interpretação que alia o pensamento de autores da antropologia e da geografia para entender a construção da espacialidade das cidades de fronteiras que se apresentava a mim como duas realidades antagônicas. Porém, um olhar mais aguçado me fez perceber o quão etnocêntrico estava sendo meu olhar, daí por que reconstruí em forma de hipótese que tais antagonismos de espacialidades refletiam-se nas relações e nas trocas simbólicas que surgem nessa região de fronteira.

O artigo, portanto, foi escrito com as observações do caderno de campo produzido quando das pesquisas realizadas em 2003 e 2004, complementadas com pesquisas que se realizaram nos anos de 2009, 2011 e 2014 catalogadas através de imagens que foram registrando as mudanças e transformações da espacialidade surgidas com as relações econômicas, políticas e sociais desses últimos anos.

Ainda sobre a pesquisa de cunho etnográfico que realizei para compor a tese doutoral, do qual muito ainda tenho a explorar e revisitar em função dessas vindas a Roraima e da minha ligação com o Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Fronteiras – GEIFRON, instituído na Universidade Federal de Roraima, posso situar que a pesquisa de campo ocorrida em duas permanências naquele período em Boa Vista, Bonfim e Lethem foi realizada no sentido Brasil-Guiana. Em Boa Vista lugar onde montei residência e foi o primeiro foco da observação identifiquei que ali existem alguns espaços etnicizados¹, que facilmente verifiquei no momento exploratório; também há nessa cidade órgãos administrativos do governo brasileiro e do governo guianense (o Consulado), que possibilitam a pesquisa documental e as entrevistas com as autoridades locais.

Desse modo montei como estratégia a observação nesses espaços etnicizados, nos quais pude iniciar o mapeamento das redes de relações sociais existentes, tendo

¹ Faço uso do termo espaços etnicizados como referência ao termo que Michel Agièr utilizou no texto: “Os Lugares da Negritude, Etnicidade e Identidade Social entre Trabalhadores da Moderna Indústria Baiana” (1990). Entendi que esse autor denomina de “não lugares” os espaços, como um bairro, uma rua, uma praça ou um bar, os quais os grupos étnicos costumam frequentar e ali manifestar sua identidade étnica. Desse modo preferi criar o termo espaço etnicizado.

como um dos pontos a cidade de Boa Vista. Naquele momento já me saltava aos olhos a observação sobre a espacialidade de Boa Vista o que me permitiu construir como título da tese um capítulo sobre o desenho da fronteira referindo-me mais a espacialidade com que se dispõem as relações sociais e etnicizadas que ali investigava.

Outra estratégia de trabalho constituiu-se em elaborar um roteiro de entrevistas aberto, aplicado em etapas diferentes, que devia atender às seguintes expectativas: a) descobrir pessoas que faziam o trânsito de fronteira; b) buscar informações que possibilitassem a identificação das redes (mapeá-las); c) conseguir mais informações por intermédio de autoridades dirigentes de órgãos públicos em Boa Vista; e d) coletar os dados sobre classificação étnica e nacional e sobre cultura e identidades no interior de cada espaço social.

Mas, onde estão essas duas cidades fronteiriças as quais trato neste texto? Do ponto de vista geográfico encontram-se nas regiões do Rupununi na Guiana (Lethem) e na região Norte do Brasil (Bomfim). Respectivamente duas regiões caracterizadas em ambos os Estados-nação por serem regiões de altos índices de empobrecimento e profundamente marcada por ondas migratórias uma vez que são regiões de fronteira seca (fronteira por terra) com vários países da América do Sul.

As histórias da região do Rupununi e da região Norte do Brasil se confundem através das histórias pessoais de brasileiros e guianenses regionais, em especial dos indígenas das etnias Macuxi e Wapixana, afroguianenses, brasileiros regionais e coolie, como são denominados os descendentes de indianos. A diversidade cultural retratada pela presença desses diferentes grupos étnicos apenas consolida o processo de entrelaçamento pelo qual se misturam o cotidiano dos povos dessa fronteira (PEREIRA, 2005).

Desse modo para construir esse texto resgato principalmente os estudos de Gordillo e Leguizamón (2001), sirvo-me do esquema teórico que permite abordar a região de fronteira segundo os conceitos de: *Frontier*, visto como espaço de articulação entre sistemas com dinâmicas socioeconômicas heterogêneas; e *Border*, como fronteira internacional, isto é, como limite territorial entre a jurisdição de distintos Estados-Nação. O primeiro conceito *Frontier* me permitirá articular, quando assim necessário for, o espaço fronteiriço nos significados das relações sociais e culturais que constrói o cotidiano entre os diferentes moradores da fronteira. E o segundo conceito *Border* dará sustentação para o entendimento sócio-político daquilo que é institucionalizado em cada espaço envolvido na discussão.

Sem, contudo deixar de fazer uma pequena incursão em Geertz (2000) e Cardoso de Oliveira (2000) a fim de discutir a teoria, se assim pode ser dito, do

aspecto etnográfico que compõem meus textos. Aprendi com esses dois autores que discutir teoria a partir do que dizemos sobre o “que pensam os nativos” é um excelente exercício de “olhar, ouvir e escrever”. Porém, é um exercício que só é possível dependendo do que diz nossa biografia muito mais do que diz a deles.

A espacialidade das cidades de fronteira mostra como operam a economia e as trocas simbólicas

O cenário fronteiriço que trato aqui está além das limitações geográficas, portanto, refiro-me a *frontier* por articular nessa fronteira as espacialidades nas quais se constroem as relações sociais que incluem os municípios de Boa Vista, Bonfim e Lethem. Essa região de fronteira insere-se em uma classificação definida por Peter Rivière (2001), que estuda o maciço guianense, como uma imensa ilha fluvial desenhada pelos rios que deságuam no Oceano Atlântico. Ele chama a atenção para a necessidade de se compreender essa região do ponto de vista geográfico porque isso instrumentaliza melhor os estudos sobre a origem e a classificação dos grupos indígenas dali provenientes, bem como os estudos referentes aos processos de integração destes com grupos não indígenas.

Mas, não é somente a integração entre grupos étnicos que vai moldar as espacialidades da região fronteiriça é também a política pública de fronteira que se impõe como projeto nacional. E tal política se faz presente a partir dos interesses em torno da defesa das fronteiras nacionais de ambos os Estados-nação e também através dos eventos socioculturais e políticos que ali tem lugar.

No caso do Brasil podemos aqui sugerir que essas espacialidades são marcadas pela presença militar, sendo este um dos principais agente de representação do Estado nação, sua ação é justificada em discursos de integração das nações. Em Bonfim tem um quartel do 1º Pelotão do Exército da Fronteira – PEF, este fica localizado ao final de uma das ruas que fazem o desenho horizontal no sentido de quem entra na cidade. O propósito do pelotão, de acordo com entrevistas, é procurar integrar-se na comunidade local por meio de várias atividades desde aquelas relacionadas ao lazer até as de prestação de serviços em campanhas educativas ou datas comemorativas.

Mas, também, por meio das ações de trabalhos comunitários em que visam uma aproximação local. Pude observar isso em uma das incursões de campo, no dia em que se comemora o dia do exercito. Vejamos como fiz esse registro:

O trato dos militares para com as crianças foi de muita atenção e de ensino a questão da hierarquia. Fato que ressalto pela preocupação do militar que nos acompanhou até a horta

em explicar para as crianças que eles os chamam de Sargento Ariel, pois ele não é um soldado e sim um militar de outra patente. Outro fato, quando o comandante perguntou as crianças o que tinha sido comemorado no dia de ontem dia 19/04 elas responderam em coro Dia do Índio, até que alguém (talvez um professor) lembrou Dia do Exército (caderno de campo/2004).

Há nessas ações do Pelotão de Fronteira toda uma identificação com a sociedade local, as crianças em especial ficam maravilhadas com a atuação dos militares, e de certo constroem em seu imaginário toda uma admiração posto que ali na região de fronteira eles se constituem aos olhos do senso comum em “heróis” ou “senhores de representação do poder de polícia e de proteção”.

Também há na criação das espacialidades de cidades fronteiriças o desenvolvimento e expansão comercial que são institucionalizadas através dos acordos bilaterais.

A cidade do lado do Brasil que aqui estamos tratando – Bonfim – está inserida no estado de Roraima, segundo a literatura, o nome desse estado é uma referência à maior elevação serrana e ponto turístico daquela região, o Monte Roraima, que desenha a fronteira do Brasil com a Venezuela e a República Cooperativista da Guiana. É válido ressaltar, no entanto, a origem indígena do nome que, na língua do Povo Pémon *Roro + imã*, significa Monte Verde².

A cidade de Boa Vista a qual também inclui o conceito de fronteira, é a Capital do estado, concentrava 50% da população do estado. A maioria dos migrantes que povoam atualmente o estado chegou entre o período de 1996 a 2000, incentivada pela busca de melhores condições de vida e trabalho, sendo em sua maior parte, de origem nordestina. (Rodrigues, 2002). É significativo acentuar esse dado referente ao crescimento demográfico de Boa Vista, porque esta, das cidades que compõem a região de fronteira, além de ser a mais desenvolvida, é a referência nos serviços públicos e na relação comercial que envolvem os sujeitos sociais deste estudo. Portanto, a alteração em seu quadro demográfico representa dados significativos de análise para a conjuntura socioeconômica e cultural da região fronteiriça e, também, para a interpretação sobre sua espacialidade.

Há um dialético processo migratório que nos leva a perceber o quanto se torna complexo caracterizar Roraima e as cidades fronteiriças em estatísticas que revelam informações em longo prazo. O que se pode dizer é que o fluxo de deslocamentos levou a mudanças que hoje se refletem nas exigências do mercado de trabalho,

2 O povo Pémon vive na região aos pés do Monte Roraima no município de Santa Helena do Uairén, no Sul da Venezuela, fronteira com o Estado de Roraima pelo município de Pacaraima. www.roraimaemfoco.org.br.

modificando, com isso, aos poucos, as perspectivas que se apresentam para essas cidades.

Por outro lado, o objetivo da expansão comercial alimenta-se e fundamenta-se nas pretensões que se têm com a construção da Ponte Internacional do Rio Tacutu, concluída em 2002. A fronteira norte, através da ponte do Tacutu, é o caminho que viabilizará a ligação entre o Mercado e o Comércio dos Países da América do Sul (MERCOSUL) e o Comércio dos Países do Caribe (CARICOM).

Vê-se que esses interesses socioeconômicos aliados a outros é que levaram a construção da ponte intervenção significativa na espacialidade dessa fronteira. Isto produz um conjunto de novos arranjos como: estrutura de estrada da cidade de Boa Vista até a aduaneira, novas sinalizações em placas, postos de comércio à margem do rio em especial barracas para a troca da moeda local. Também ocorreu desde o início dos anos 2000 uma mudança na malha viária que dá acesso entre Boa Vista (capital de Roraima) até o lugar da travessia para Lethem/Guiana.

Entretanto, não se trata de mudanças que ocorrem na espacialidade de forma aleatória são consequências da forma como os grupos sociais e étnicos se movimentam em torno de seus objetivos cotidianos e, consequentes projetos socioeconômicos, políticos e culturais. Informado pelos estudos de Santos (1979 p.73) quando discute a diferença entre espaço, paisagem e espacialidade talvez pudéssemos dizer: “A espacialidade seria um momento das relações sociais geografizadas, o momento da incidência da sociedade sobre um determinado arranjo espacial”.

Nesse sentido, para dar ênfase a essa discussão de construção de espacialidades diversas faço aqui uma incursão sobre os aspectos geográficos da Guiana a fim de proporcionar um olhar mais enriquecido sobre o vizinho mais caribenho do Brasil, segundo sua própria autoidentificação em documentos e discursos de seus políticos e empresários. A República Cooperativista da Guiana, único país colonizado pelos ingleses no continente da América do Sul e banhado pelo Mar do Caribe, culturalmente assemelha-se mais às nações caribenhas que às sul-americanas. Seu território é um planalto baixo coberto de florestas, que se eleva no sul, na fronteira com o Brasil.

Entre as suas regiões aqui interessa em especial, a região nove, também denominada região do Rupununi. Localiza-se nas terras do sudoeste da Guiana que são banhadas, numa extensão de 6.000 km, pelo rio do mesmo nome. Do ponto de vista físico, trata-se de uma região de solo pobre para o cultivo, porém com ricas pastagens para o gado e uma vegetação de savanas.

Nessa região localiza-se à cidade de Lethem uma das três cidades as quais

estamos discutindo o conceito de *frontier* para falar de espacialidades. Nessa perspectiva Lethem articula suas redes de relações com maior intensidade com a cidade fronteiriça de Bonfim e Boa Vista por causa da proximidade. É a partir dessa cidade que buscamos ainda mais elementos para entender o quão são diferentes as espacialidades vividas na diversidade dos grupos étnicos transfronteiriços.

Em Lethem ocorreu o movimento de secessão mais importante da história da Guiana: a revolta do Rupununi. Por iniciativa de rancheiros/fazendeiros das savanas do Rupununi, insatisfeitos com o governo da Guiana, tentaram criar um Estado independente, com a ajuda da Venezuela. Isto colocou a cidade fronteiriça numa discussão nacional e de certo modo teve uma grande influencia política porque após esse período a cidade foi militarizada, ou seja, recebeu seu primeiro contingente do aparato policial. Elemento esse em comum com Bonfim, embora os motivos tenham sido distintos a consequência para a espacialidade é a mesma. A presença militar vai inserir na arquitetura local os lugares institucionais desse sujeito social – os militares.

No Brasil onde existe um contingente policial há sempre uma vila militar equidistante dela o quartel. Este em geral toma um lugar de destaque na arquitetura da cidade. Isso, porém, não é um fato em Lethem. O contingente policial não está associado a um setor de moradia e nem ao quartel, quando muito uma delegacia que funciona em uma casa pequena e outro cômodo em separado representando o local dos presos.

A cidade de Lethem não possui ruas paralelas entre si, o espaço geográfico daquela cidade não se assemelha aquele padronizado no Brasil, qual sejam ruas paralelas entre si, casas dispostas uma ao lado da outra, casas muradas. Apenas os prédios públicos ou aqueles prestam serviços são murados ou cercados: escolas, delegacia, igrejas, parques e mercado de frutas/verduras. A espacialidade de Lethem aos nossos olhos parece uma “desarrumação” imposta por casas que não tem um distanciamento definido entre elas, e, entre uma casa e outra há terrenos enormes vazios.

Outro elemento bastante significativo das mudanças da espacialidade de Lethem desde as primeiras observações de campo até hoje na pesquisa de campo revisitada são as informações nas placas comerciais que também dizem muito de um conceito de espaço bastante relacionado às práticas simbólicas que os moradores da fronteira trocam entre si. Por exemplo, os restaurantes que trazem na placa: “comida brasileira” associando essa informação inclusive com as cores da bandeira brasileira.

A espacialidade das cidades fronteiriças quando apresentam características que se estendem ate o espaço físico da outra, a exemplo dos restaurantes guianenses em

Bonfim e Boa Vista ou restaurantes brasileiros em Lethem me remete ao pensamento de Barth (1979) quando ele discute a “interdependência dos grupos étnicos”. Para o autor tem de haver uma relação de complementaridade em relação a vários traços das características culturais para que ocorra uma interdependência entre os grupos étnicos. Sem a complementaridade não haverá uma organização de acordo com as linhas étnicas, portanto, não haverá uma interação referente a uma identidade étnica.

As cidades fronteiriças aqui em discussão expressam no formato de suas ruas, no desenho arquitetônico de prédios e casas, bem como nas relações simbólicas entre esses espaços traduzem essa complementaridade, apontada por Barth e com isso a consequente relação de interdependência entre essas cidades. Isto pode nos levar a conhecer os traços culturais de suas relações comerciais e políticas.

Economia, relações comerciais e economia política: relações de poder

O trabalho nos garimpos, no comércio, nas residências, no setor público, na lavoura ou no setor informal quando vivido em espaço fronteiriço trazem algumas peculiaridades que desenham a estratificação social dos grupos que acessam o saber, o político e o poder. E com base nisso condiciona o lugar nessa escala de participação social. Isto impõe ao investigador transitar por diferentes espacialidades da cidade ou do lugar investigado.

No caso da pesquisa por mim desenvolvida e que segue nesses momentos de novos contatos estou diretamente envolvida com esta questão do espaço enquanto lugares fixos ou fluxos como assim define Santos (1977). E por quê? Por ter observado *in locu* na pesquisa de campo que fiz em janeiro de 2014 que a conjuntura socioeconômica em Lethem e Bonfim mudou diante do que escrevi em meu primeiro trabalho sobre a região de fronteira. E daí formulei a hipótese de que tais mudanças estão interligada com a intensificação das relações sociais, possibilitadas com a construção da ponte do Tacutu que impulsionou as relações comerciais e políticas. E, por conseguinte permitiram com maior intensidade os fluxos migratórios e o trânsito de mercadorias, matéria prima e mão de obra de diferentes setores e qualificação.

Em 2004, em uma das entrevistas que realizei com um dos moradores mais idoso que encontrei na Guiana, ele falava português, mas se autoidentificou como venezuelano, ao ser perguntado sobre esse tempo de lá para cá que movia as relações comerciais entre Guiana e Brasil, ele narrou:

Bom aí naquela tempo como entrava os Melviles e os Hort (duas família guianenses brancos que despontam financeiramente) eles traziam muita mercadoria barata. Antigamente a

mercadoria era baratinho. Você comprava dois, três metros por uma dobra. Era por metro que vendia as mercadorias [...] aí os caboclos que tinham gado vendiam em troca dessas mercadorias. Aí quem não tinha nada [...] eles traziam sal, açúcar, e trocavam por gado. Aí os fazendeiros, os mais sabidos criavam os gados deles, não matava, até aumentou. Daí que eles quiseram terreno. Eu tenho tanto cabeça de reis e eu quero tantos milhares de hectares para o meu gado. Foi assim que arrumaram os terrenos. Mas, agora está limpo aí do outro lado.

Fazendeiro mais grande não tem mais, aqui do lado da Guiana. Mulher Guianense/brasileira: Tinha mais fazendeiro, aqui. Eles criavam muito gado. Porque nesta época não tinha estrada para Georgetown e comida pra cá. E o avião vinha somente uma vez por semana (Caderno de Campo - Morador J).

Essa narrativa nos leva a entender que o conhecimento acumulado sobre o viver na fronteira pode ou não perceber criticamente a situação descrita com naturalidade. Porém, o que se ver nessa narrativa é a descrição dos sujeitos sociais que impulsionaram uma dinâmica comercial e conseguiram enriquecer com o jogo econômico diante a grupos diversificados em sua cultura, portanto em seu entendimento sobre o campo hegemônico das relações capitalista. O que pode ser observado, também, é o modo como operavam as relações de troca descrita como escambo. Nesse período a travessia sobre o rio Tacutu era bem precária, não havia interesse dos guianenses virem para o Brasil, este período, sem dúvida é anterior a independência da Guiana, em 1966.

Vejam que o econômico e o político vão se construir como parte constitutiva de uma mesma história, nessa história *frontier e border* estão interligadas pelo interesse de poucos em detrimento de muitos. Em um segundo momento, sobre a temporalidade de viver na fronteira de acordo com as entrevistas realizadas com os jovens da segunda geração dos moradores da fronteira ainda em 2004, eles apontam que para esse período ocorreu uma mudança nos aspectos comerciais. Vejamos de que modo³:

O que eu digo pra você! Os do Brasil pra cá é o ouro daqui. E dos guianenses daqui pra lá eu acho que são as mercadorias do Brasil que são mais barato do que aqui como: rede, produtos industrializados. São mais baratos então eles compram e carregam pra cá (Caderno de Campo).

E hoje, 2014 ao visitar Lethem e Bonfim as conversas informais dizem de um esquecimento sobre Bonfim depois da construção da ponte sobre o Tacutu. Por que hoje as pessoas não precisam mais entrar na cidade de Bonfim. Antes para ir até

3 Resposta às perguntas: o que você acha que mais faz as pessoas irem e virem Brasil/Guiana; Guiana/Brasil? Qual é o maior motivo em sua opinião de existir esse trânsito daqui pra lá e de lá pra cá? Incluindo todo mundo: ameríndios, guianenses, brasileiros, Cooli, descendentes de portugueses e chineses? Mulher Brasileira/Guianense

a Guiana sempre havia algo ou alguém, um motivo que fazia as pessoas entrar em Bonfim antes de se dirigir até as margens do rio.

Trocas simbólicas, saber e poder: narrativas sobre as duas cidades

Quando ouvimos as narrativas dos moradores das cidades fronteiriças informados pelo olhar antropológico da investigação etnográfica imediatamente fazemos o que, segundo Geertz (2000), tem sido o exercício da Antropologia Cultural, “...cuja ocupação principal é determinar a razão pela qual este ou aquele povo faz aquilo que faz,” daí por que todas as relações sociais que envolve o estar naquele lugar faz sentido e traz significados, o autor diz também:

[...] a antropologia sempre teve um sentido muito aguçado de que aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto, e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo. Para um etnógrafo, remexendo na maquinaria de ideias passadas, as formas do saber são sempre e inevitavelmente locais, inseparáveis de seus instrumentos e de seus invólucros. Pode-se, é claro, obscurecer esta realidade com o véu de uma retórica ecumênica, ou embaça-la, *add infinitum*, com teoria. Mas não podemos fazer com que simplesmente desapareça (GEERTZ, 2000, p.11).

Foi com essa perspectiva de vivenciar e ver sentido em tudo que observei cada situação, cada amanhecer em Lethem ou em Bonfim, e que ao retornar para Boa Vista cuja espacialidade se assemelhava mais com o desenho da cidade onde moro proporcionava-me o lugar do distanciamento e da reflexão sobre as duas cidades fronteiriças e suas peculiaridades enquanto espaço e, também, quanto às relações sociais do cotidiano. Mesmo considerando Boa Vista, do modo como me referi anteriormente, também uma cidade fronteiriça eu já tinha criado uma relação de “estar em casa” e era ali o meu lugar de reflexão o que se distanciava do lugar de prospecção.

Então, assim, como Geertz explica a partir de sua experiência de pesquisa em Java, Bali ou no Marrocos, no texto sobre o desafio que nos impomos a querer entender “como pensam os nativos”, aquele autor nos chama atenção para as duas perguntas que são parte do método etnográfico com o qual tenta realizar esse exercício. E aqui retomo tais questões para discutir o modo como fui buscando o sentido das relações sociais e cotidianas no espaço transfronteiriço. Geertz refere-se ao uso de símbolos em cada micro relações que são estabelecidas e questiona se quando estamos utilizando-os se o fazemos em busca dos pontos de vistas, das percepções, dos sentimentos e das experiências, e se assim o é em que sentido isso ocorre? E ele mesmo responde quando diz que isso é um “bodejar dialético

contínuo”, entendo essa expressão como usar a fala do outro em função de uma explicação, esse para mim parece ser o sentido de bodejar. E dialético por que traz a mediação da contradição entre a percepção do intelectual e daquele que emite a fala, por fim a narrativa. Ou também, por que a realidade narrada é passível de mudança, afinal estamos falando de saber e poder, enfim de narrativas que expressam a cultura.

No recorte etnográfico de dados do caderno de campo poderia citar as narrativas sobre as cidades de fronteira expondo alguns dos problemas sociais problematizados que em último caso situam os sistemas simbólicos que o autor nos ensina a por eles tentar entender esses sujeitos sociais sobre os quais pretensamente queremos interpretar suas subjetividades.

Algumas de minhas indagações versaram sobre como os entrevistados percebem o viver naquelas cidades de fronteira, penso que desse modo investigava sobre a relação que estabeleciam com a espacialidade da qual são constituídos e constituintes, ou no dizer de Santos (1997, p. 44) formam a realidade em movimento:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento.

Nesse sentido, vejo que muito dos temas que movem os moradores em travessias sobre o rio são também travessias que os movem em função de novas identidades, dos casamentos interétnicos e do jogo contra hegemônico com o Estado poder.

A exemplo da busca por tratamentos médicos quando das doenças ou acidentes que se envolvem os moradores da fronteira, suas narrativas dizem de como se movimentam na espacialidade da qual são sujeito, por conseguinte, definem o alargamento do sentido de fronteira, é o sentido de *frontier* expressando onde se articulam suas interlocuções. Na questão sobre como é o serviço médico e o tratamento em Lethem naquela época, 2003, a moradora da Guiana responde:

Mas, não presta. A gente toma remédio e não fica boa. Fica mais mal. Remédios errado. [...] Em Bonfim quando meu tio foi para o hospital é muito teste (exames) e isso é bom. Se você tem alguma coisa ou não, mas aqui? Pergunta se está doendo ou não e dá remédio infantil. Não faz teste em você não (Jovem Guianense, 22 anos).

Ainda se referindo ao modo como lidam com a questão da saúde e que movimentos migratórios os moradores fazem em busca de atendimento médico, fiz para a jovem a seguinte questão: Eles não conseguem o tratamento aí vão pra Boa Vista? Ao que a jovem respondeu: “Sim. Vão pra Boa Vista. Muitas pessoas vão pra Boa Vista”. Na sequência foi perguntado: e se os médicos de Boa Vista também, não podem atender aí vão pra Georgetown? Ao que Odete responde: “Sim”.

As espacialidades das cidades de fronteira, portanto, são vivenciadas de acordo com fluxos migratórios internos definidos por necessidades de busca de serviços e jogo de poder de seus respectivos interesses, vejamos o que nos diz um indígena Wapixana que naquela ocasião era responsável por organizar as partidas de jogo de futebol na fronteira. A pergunta que lhe coloquei foi sobre se havia um fluxo maior de indígena da Guiana para o Brasil? “Não, é porque eu acho que eles escolhem o lugar mais fácil tanto na parte da educação como em termos financeiros. Porque aqui do lado do Brasil é mais fácil. Quer dizer não é tão fácil quanto à gente pensa, mas é um pouco mais fácil. Mas, na Guiana é mais difícil” (Indígena Wapixana).

Considerações finais

O espaço é uma categoria de análise que serve a discussão de fronteira por que tal como é definido por Santos (1977) conjuga a vida social em um movimento dialético. A espacialidade sofre transformações que são incursões que o sujeito social faz em sua realidade concreta, e também é por ela resignificado nas relações sociais que ali vivencia.

As cidades fronteiriças de Boa Vista, Bonfim e Lethem são exemplos de espacialidades plurais que se resignificam em função do intenso processo migratório característico das regiões de fronteira.

Referencias

- AGIÈR, Michel. **Os Lugares da Negritude, Etnicidade e Identidade Social entre Trabalhadores da Moderna Indústria Baiana.** Caderno CRH, 13: 39-62 (1990).
- BARTH, Fredrik. **Grupos Étnicos e Suas Fronteiras.**In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade.** Tradução de: Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo.** Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2000.
- GEERTZ, Clifford. **O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa.**São Paulo: Vozes, 1997.
- GORDILLO, Gastón e LEGUIZAMÓN, Juan Martín. **El Río y la Frontera:mobilizacionesaborigenes, obras públicas y mercosurenel Pilcomayo.** Buenos Aires: Biblos, 2001.
- PEREIRA, Mariana Cunha. **A Ponte Imaginária: o trânsito interétnico na fronteira Brasil e Guiana.** (tese de doutorado). Brasília: UnB, 2005.
- RIVIÈRE, Peter. **O Indivíduo e a Sociedade na Guiana: um estudo comparativo sobre a sociedade ameríndia.** Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Edusp, 2001.
- RODRIGUES, Francilene dos Santos. **“Garimpando” a Sociedade Roraimense: uma análise da conjuntura sociopolítica.** Belém: Universidade Federal do Pará: Dissertação de Mestrado, 1996.